



Infelizmente o vôo-livre é um esporte de oportunidades. So se desenvolve aquele que tem oportunidade não só de voar, mas voar com pilotos melhores e que saibam o que estão fazendo. Não existem autodidatas que aprendem tudo longe de todos. Não adianta ter dinheiro, tempo e vontade apenas; é necessário controlar a ANSIEDADE e buscar informações com quem SABE. Quem quer aprender rápido, corra para as competições, quem não quer competir, muita calma nessa hora.

Um grande exemplo disso sou eu mesmo. Enquanto tive apenas vontade, recursos e tempo, voei muito, MAS nao tenho nem coragem de listar as situações de perigo que me coloquei. Sempre tive meu primo Rodrigo Monteiro como meu orientador e conselheiro. Mas minha ansiedade de acompanha-lo e chegar no topo do esporte rapidamente, quase me custou caro diversas vezes. ANSIEDADE pura.

Tive a sorte de aprender com um piloto que já tinha acesso aos melhores do Brasil. Com muita curiosidade e determinação, me alimentei de pequenas informações e observações que me foram passadas. Meu desenvolvimento talvez tenha sido o mais rápido entre os pilotos brasileiros da ultima década. Tudo porque estive inserido num grupo seletto de pilotos que levam o parapente extremamente a serio, alem de uma dedicação ENORME da minha parte. Informações que eles demoraram anos para adquirir, me passaram ali, mastigado e em poucos campeonatos. E ainda sei MUITO pouco.

Enxergo a evoluçãõ dentro do esporte como um simples dia de vôo. Cada dia é um dia, como cada piloto é cada piloto. Temos que nos adaptar dentro das nossas limitações, talentos e potencial. Nao adianta querer andar mais rápido que o ciclo do dia, e muitas vezes esperar o tempo passar significa chegar na próxima térmica justo no momento exato para subir.

O Brasil é talvez o melhor país do mundo para aprender a voar. Nao somos obrigados a

encarar as "corredeiras" perigosas dos Alpes e muito menos as roubadas da África do Sul. Voamos o ano inteiro e temos "ondas" dos mais variados tamanhos para cada tipo de surfista. Cada região do nosso país pode ser vista como um degrau na evolução, e assim existe uma escada que podemos montar, precisamos apenas entender o que cada uma significa para nosso esporte.

Sou do RJ, e aprendi a voar em [São Conrado](#) e [Petrópolis](#), s MAROLAS. Tive a sorte de participar de competições pelo mundo a fora e enxergar que voar era muito mais que dominar meu sítio de vo. Era preciso ter um visão holística de como tudo funciona e assim poder voar com segurança em qualquer lugar. Uma busca que nunca termina. O Frank Brown, com 27 anos de vo e aquele Pentium 58 que tem na cabeça, ainda busca isso. Arrogância é um passaporte para a morte.

Quem está afim de aprender a voar XC, mas odeia competições, existe um caminho muito claro na minha cabeça, onde cada lugar representa um passo importante para a evolução. Não esquecendo de um ponto importante: apesar de São Conrado e [Quixadá](#) serem lugares muito diferentes, cada um tem seus perigos, e burro é aquele que nao entende isso. Eu hoje tenho +1000 horas de vo, mas se eu desmerecer o risco de São Conrado, amanha posso virar noticia de jornal.

Vamos planejar melhor nossa evolução. Nada de ansiedade. Aprendi isso me explodindo como um tomate na rampa de Andradas aos 16 anos. Me custaram 6 meses na cama e 3 anos de trauma sem voar. A partir dai, vooi de dhv 1/2 durante 2,5 anos, depois vooi 100 horas de puro XC de dhv 2 em Cambuquira, Sapiroanga, Tangara, e ate ensaiei um Araxá.

Com 200 horas de vo, fiz meu primeiro 80km, mas não sabia absolutamente nada ainda. Peguei um 2/3 e fui pra Vale de Bravo no México. Tomava tanta fechada que tomei um puxão de orelha do Frank: Ou para com isso, ou volta pro dhv 2 cara!! Desenvolva suas fraquezas ou simplesmente aceite suas limitações!!!

Foi ai que resolvi investir pesado, pegando outro 2/3 e percebi que faltava MUITO ainda pra ser um bom piloto. Decidi então passar MESES em [Araxá-MG](#) respirando TUDO o que os mestres locais do XC me passavam. Bruno Newmann, Branco, Du, Nasser, Caio Porfírio, pessoas que formaram a minha base de XC. Total de umas 250 horas de 2/3 que foram o INICIO de uma jornada. Foi ali que fiz meu primeiro 200km. Fora inúmeros 150km em [Goval](#)

, Jaraguá e outros.

Considero Araxá como a melhor opção para aprender a voar XC numa condição que pode ficar perigosa, mas que em media aceita muitos erros. Um grande começo para quem quer aprender a voar no ventão. Quem nunca voou no Cerrado, ou nunca pegou um [Tangará-SC](#) / Cambuquira-MG clássico, e SOUBE APROVEITAR a condição, para que voar no Sertão??

De Araxá, fui investir em Brazilia e Jaraguá-GO. Pra mim o cerrado goiano é o segundo GRANDE passo para aprender a voar XC em condições extremas. A idéia de voar em roubada e lugares que podemos virar lenda, começa a ser mais presente daqui em diante. A potencia do vôo em Brazilia, a decolagem de Jaraguá, BAGAGEM.

Se viajar pra varios lugares é um problema, eu investiria em BH. Lugar forte, técnico e que ensina muito pra qualquer piloto. Com os quase 300km de lá, o bahiano se investir em Quixadá vai longe.

Somente depois de acumular muitas horas de vôo nesses 3 lugares no cerrado, foi que resolvi investir nas ondas gigantes do Sertão. Mesmo assim, cheguei em Patu -2006 completamente cru (450h de vôo). Andre Fleury me ensinou a decolar de novo em condição de ventão. Voei de Synergy 2 no começo ate me adaptar ao lugar. Depois de uns 20 dias em Patu foi que o Ceceu resolveu me ensinar a voar 300km, me dando a mão ate os 324km. Com essa postura conservadora, fui ganhando uma confiança muito solida nas minhas decisões e no final da temporada, mandei um 338km e 370km completamente sozinho. Um sonho que sempre tive.

MESMO ASSIM, em 2007, ainda no avião indo pra Fortaleza, me questionei MUITO sobre voar com a minha primeira vela de competição no sertão. Questionamento que não me deixou dormir a primeira noite. Mas a minha BASE HISTORICA era tão boa, tão solida, que logo no primeiro vôo, quebrei o sulamericano com 397km. E depois vieram mais vôos gigantescos inesquecíveis.

Dropar as ondas grandes de Quixadá pode parecer inicialmente fácil. É como voar vela de competição, onde tudo é uma maravilha até ela começar a fechar e a girar. Para a nossa sorte, Quixadá tem MUITO VENTO. Caso contrario, seria praticamente impossível voar ali. A capacidade do sertão de acumular calor na sua vegetação e relevo é uma das maiores do

mundo. O vento serve como um MODERADOR, organizando os ciclos e nao deixando o calor se acumular demasiadamente num local para depois subir a 55m/s totalmente over. MAS isso é um regra somente em zonas expostas ao vento, o que NÃO é o caso dos rotores, que desprendem o calor de forma extremamente desorganizadas e em bolhas de diferentes intensidades que passam a ser zonas mortais em qualquer hora do dia. A vela de competiçã ai começa a girar.

Aprender a navegar ali tem dois jeitos: buscar com quem já sabe (foi o que eu fiz), ou o puro empirismo (pode ser perigoso). Ambos os casos, o piloto deve já ter uma bagagem grande de situações adversas. Nosso esporte NUNCA é um ciência exata.

E por isso eu enxergo hoje com uma nitidez muito profunda que não adianta ser ansioso. Temos primeiro que ter consciência do nível em que estamos, para depois entender o que de fato QUEREMOS do esporte. Assim fica MUITO mais fácil visualizar a escada e saber AONDE VOAR e COMO VOAR. Cada lugar tem um potencial e investir num local acima das suas habilidades significa que você não foi capaz de visualizar a escada ou não foi capaz de controlar a própria vaidade.

Hoje passo por um grande teste. O teste da vaidade. Sou recordista mundial com 25 anos e 5,5 anos de vôo e tenho freqüentado o circuito mundial. Com todos os melhores pilotos do mundo me enaltecendo pelo feito, meu ego sobe junto comigo a cada bomba para estratosfera e a cada pisada no acelerador, mas ate agora tenho controlado muito bem o tal complexo de superman que sempre surge de tempos em tempos.

Tive como grande liçã o ultimo PWC na Espanha, com a morte de um amigo russo(voava no himalaya), 5 pilotos com vértebras quebradas, dois com costelas e braços, 14 reservas. E eram os melhores do mundo ali. Foi ai que me perguntei: O que eu quero desse esporte?? Dependendo dele pra viver?? Pra que jogar no buraco e acelerar daquele jeito na chegada de goal?? Pra ganhar um tapinha nas costas?? Quais são as minhas prioridades?? Vôo-livre a qualquer custo?? Não...

Eu vôo porque gosto. Não vou pro Himalaya voar amanhã, porque sei das minhas limitações. Não tenho habilidade pra voar lá ainda. Gostaria, mas seria começar TUDO de novo, e isso seria um novo longo capítulo, lá pela Índia, na minha historia de voador.

Bons vos,

Rafael Saladini